

Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade em Diferentes Setores

**TECNOLOGIAS DE GESTÃO E TECNOLOGIAS SOCIAIS PARA A REINserÇÃO
DE REEDUCANDAS EMPREENDEDORAS E INOVADORAS**

**TECHNOLOGY MANAGEMENT AND TECHNOLOGY SOCIAL FOR
REINTEGRATION REEDUCANDAS ENTREPRENEURIAL AND INNOVATIVE**

Cecilia Arlene Moraes

RESUMO

Este estudo apresenta duas ações socioeducativas multidisciplinar e transdisciplinar para reeducandas, ambas realizadas na Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto May em Cuiabá (MT). A primeira, em 2011, com objetivo de humanizar, despertar a consciência, diminuir a violência, eliminar a reincidência criminal e viabilizar a reinserção social de 55 reeducandas no mundo do trabalho. A base teórica se apoiou na obra “Vigiar e Punir, nascimento das prisões” de Foucault (1975; 2004). A metodologia se assentou em dois eixos: 1. Educação do ser humano integral; 2. Tecnologias de gestão e empreendedorismo inovador, para a produção de tecnologias sociais. Resultou na produção de cinco tecnologias sociais, a sistematização de 64 cursos técnicos estratégicos profissionais, e na melhoria da autoestima das reeducandas. A segunda ação, em 2012, foi com 25 reeducandas remanescentes da intervenção de 2011, se avaliou e se construiu a tecnologia social Cuidar, Respeitar e Educar (CURE), método compacto direcionado à reinserção social de reeducandas, conforme sua vocação e demanda de mercado. Propõe a educação como instrumento de mobilidade social, econômica e política, bem como a mutação de conceitos para acolher as egressas do sistema prisional abarcados em aumentar a resiliência coletiva.

Palavras-chave: Ação Socioeducativa. Empreendedorismo Inovador. Inclusão e Exclusão.

ABSTRACT

This study presents two socio educational multidisciplinary and transdisciplinary actions for reeducandas, both held in the Women's Penitentiary Ana Maria do Couto May in Cuiabá (MT). The first, in 2011, with goals of humanizing, raise awareness, reduce violence, eliminate relapse and facilitate the social rehabilitation of 55 reeducandas the world of work. The theory relied on the work "Discipline and Punish, birth of prisons" by Foucault (1975;2004). The methodology is based on two axes: 1. Education of the whole human being; 2. Management technologies and innovative entrepreneurship for the production of social technology. Resulted in the production of five social technologies, the systematization of 64 strategic professional technical courses, and improving self-esteem of reeducandas. The second action in 2012 was 25 reeducandas remaining with the intervention of 2011, we evaluated the technology and built social Caring, Respect and Education (CURE), compact method directed to the social reintegration of reeducandas as his vocation and market demand. Proposes education as an instrument of social mobility, economic and political as well as changing concepts to welcome the alumni of the prison system covered increase in collective resilience

Keywords: Socio-Action. Innovative Entrepreneurship.. Inclusion and Exclusion.

1 INTRODUÇÃO

O escopo desse trabalho demonstra ações socioeducativas para conscientizar, humanizar e promover a transformação comportamental e profissional de reeducandas com vista a sua reinserção no mercado de trabalho.

Busca-se nesta empreitada apresentar o desdobramento negativo da exclusão social, econômica e política da mulher na sociedade contemporânea, marcada ainda pelo ranço do modelo patriarcal, mito secular de desqualificar e renegar à mulher, ao privá-la de seus direitos de realização pessoal e profissional, por conseguinte, tende a elevar sua vulnerabilidade expondo-a até ao mundo do crime.

Nesse contexto, a mulher sem compreender o seu valor como pessoa humana, com baixa autoestima e afetividade, não tem escolaridade, nem documentos, sem qualificação profissional busca trabalho no mercado formal, e é rejeitada. Deste modo, atua na informalidade, cuja remuneração é insuficiente para a manutenção familiar; a prostituição se acomoda como uma alternativa de complementação de renda; ademais o traficante arguto exhibe suas finanças, sabe que essa mulher faz qualquer coisa pela sobrevivência dos filhos e dos netos. Na condição de companheira de traficante ou ao cometer outros delitos, a mulher ingressa no mundo do crime, e na sequência ser presa.

A punição, segundo (Foucault, 2004, p.105) é um processo para requalificar os indivíduos como sujeitos do direito; uma técnica de coerção dos indivíduos que não utiliza marcas, mas sinais, conjuntos codificados de representações, cuja circulação deve ser realizada pela cena do castigo e a aceitação deve ser a mais universal possível. Entretanto, o mesmo autor adverte para o uso de “exercícios, e não sinais: horários, distribuição do tempo, movimentos obrigatórios, atividades regulares, meditação solitária, trabalho em comum, silêncio, aplicação, respeito, bons hábitos”.

Contrário à barbárie dos suplícios físicos, (Foucault, 2004 p.20) apresenta sua estratégia para suavizar a pena: “medida” e “humanidade” como proposta de um discurso do coração, uma nova sensibilidade e misericórdia, articulada com o homem razoável que faz a lei e não comete crimes, “[...] mesmo quando se trata de castigar o inimigo do corpo social.” Perante a execução da punição Foucault indaga: “Que medida tomar que seja apropriada? Como prever a evolução do sujeito? De que modo será ele mais seguramente corrigido”?

Como resposta, (Foucault, 2004, p. 87) é de opinião que a punição das penas não mais seja feita com medidas de sofrimentos excessivos do corpo físico e de marcas visíveis ostensivas, mas que seja voltada ao espírito, à alma do apenado: “A arte de punir deve, portanto repousar sobre toda uma tecnologia da representação”.

Nesse contexto, (Foucault, 2004, p. 88) propõe que seja feita a aliança entre o poder de polícia e o poder da justiça para quebrar “[...] a mola que anima a representação do crime.” Para isso recomenda a difusão da ideia de desvantagem do crime ao mesmo tempo em que advoga a atitude de que a proclamação da impunidade constitui crime maior que a sua prática. “Empregá-los é a melhor maneira de puni-los”, conclui o mesmo autor, contrariamente à vida de vadiagem nas ruas e em presídios.

Neste cenário desenhado por Michel Foucault, evidencia-se o discurso público da expressão “globalização” que implica na promessa de uma sociedade civil internacional, de paz democrática, que paradoxalmente faz uma ameaça à hegemonia econômica, cultural e política em cada nação. Na visão de Berger (2004) não há dúvida que as transformações econômicas e tecnológicas, sustentáculo do fenômeno da globalização, criaram grandes problemas sociais, a partir do abismo entre os incluídos e excluídos. O sistema penitenciário exemplifica o caso brasileiro.

O século XXI, da pós-modernidade conforme Giddens (2002); da modernidade líquida, fluída, segundo Bauman (2001) evidenciam conexões diferentes de ordem social e

ambiental, quanto à sua dinâmica e grau em que interferem nos hábitos e costumes tradicionais, causados pelo impacto global. Portanto, a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos pessoais da existência humana e dos seres vivos, para (Giddens, 2002, p. 11) a modernidade “[...] é uma cultura de risco”.

De acordo com Stiglitz (2002), as políticas impostas pelo processo de globalização aos países em desenvolvimento, devem ser repensadas. Isso porque sobre a população pobre dos países não desenvolvidos, a globalização, - com sua forte tendência ideológica, política e de injustiças, - tem ação devastadora: suscita o desemprego em massa, o consumismo exacerbado, a degradação ambiental e a majoração da miséria.

Nesses países, entre os quais o Brasil se enquadra, estão sempre a aumentar as taxas de diferentes tipos de violência: doméstica, escolar, urbana. Em consequência, grupos de crianças e de jovens se amontoam nas ruas, em busca da ilusão da droga, o alívio para a fome e maltratos. Imolados pela falência familiar e social, e pelo uso de entorpecentes, transformam-se em farrapos humanos, são as vítimas dos traficantes. Juventude sem sorrisos e sem folguedos. Estão apodrecendo nas sarjetas das metrópoles e das pequenas cidades. Perderam o sentido de viver, esperam apenas a morte, perderam a sensibilidade, e a vida do outro também não tem valor. Encarnam o retrato de um país que ainda não encontrou o caminho para o seu processo autêntico de inclusão social. Estes fatos promovem problemas sociais devastadores, entre outros, o aumento da violência e da criminalidade. Como corolário dessa situação, comparecem as prisões, ainda como depósitos de humanos “enlatados” em celas, cubículos, que materializam o mais alto índice de concentração de ódio e de violência por metro quadrado de confinamento e esquecimento, financiados pela sociedade.

Xiberras (1993) afirma que a exclusão social tem relação com o espaço de referência na medida em que a rejeição e as formas dessa exclusão apresentam como resultado da dificuldade de inserção de grupos, de nação, na globalização. É nesse processo perverso de exclusão e de alienação que, segundo Oliveira (2008), no mundo globaliza-se a pobreza e concentra-se a riqueza.

Diante deste cenário este estudo apresenta duas ações socioeducativas para reeducandas, do regime fechado e do regime semiaberto, ambas realizadas no espaço da Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto May, em Cuiabá (MT).

A primeira ação foi implementada por uma equipe multidisciplinar em 2011, em atendimento a solicitação da Fundação Nova Chance, órgão vinculada a Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos de Mato Grosso, para 55 reeducandas com os objetivos: humanizar; despertar a consciência; diminuir a violência; eliminar a reincidência criminal e viabilizar a reinserção das reeducandas no mundo do trabalho.

A segunda ação socioeducativa, foi realizada pela pesquisadora, na condição de voluntária em 2012, com 25 reeducandas remanescentes do regime fechado da ação anterior, (as demais reeducandas já tinham obtido o alvará de soltura), com o propósito de avaliar os resultados da intervenção de 2011.

Nesta direção, acredita-se que ao propagar este trabalho de interesse social, tende a fortalecer a mutação positiva de reeducandas e a sua reinserção no mercado de trabalho, bem como provocar outros sentimentos na sociedade, ao mitigar o preconceito e o estereótipo de egressos do sistema prisional, e aumentar a resiliência coletiva.

Importante também salientar que o Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) e o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária do Ministério da Justiça (2012), clamam por “boas práticas” no sistema prisional, pois tantas são as críticas que se faz, que é necessário mostrar a “face oculta”.

2 REVISÃO DA LITERATURA

O maior desafio da humanidade é viver em relação ao outro humano no espaço socioambiental e político em que constroem e funcionam a sua cultura, com leis e práticas sociais que ditam as regras da boa convivência. Sem esses aparatos o humano seria incapaz de sobreviver.

Aristóteles (1973) em seu Livro V, aponta a justiça como elemento indissociável da polis e da prática social, o próximo é o “bem de um outro”, visa o bem comum.

Para Rawls (1971) em *A Theory of Justice*, a justiça se baseia na liberdade e igualdade, orientação filosófica e moral para as instituições democráticas.

No Brasil a Constituição “Cidadã” (1988) proclama os princípios de “dignidade da pessoa humana; os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa”; na construção de “uma sociedade livre, justa e solidária”, com objetivo de “garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização; e reduzir as desigualdades sociais e regionais e promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

Ainda sim, a taxa da pobreza, das desigualdades e da exclusão social, econômica e política se elevam no mundo contemporâneo. Na visão de (Jodelet, 2001, p.53), a noção de exclusão é polissêmica, porém o único nível dessa abordagem ocorre na “interação entre pessoas e entre grupos, que dela são agentes ou vítimas”, essas relações sociais são o objeto de estudo da Psicologia Social. Ao tratar de exclusões socialmente produzidas, essa disciplina busca compreender “de que maneira as pessoas ou os grupos que são objetos de uma distinção, são construídos como uma categoria à parte”, nas “dinâmicas psíquicas ou processos cognitivos apontam o preconceito, estereótipo, discriminação, identidade social, discursos sociais, representações sociais e à ideologia como distinção”. Nessa arena complexa e movediça (Jodelet, 2001, p.54) questiona: “O que é que faz com que em sociedades que cultuam valores democráticos e igualitários, as pessoas sejam levadas a aceitar a injustiça, a adotar ou tolerar frente àqueles que não são seus pares ou como eles, práticas de discriminação que os excluem”?

No dizer de (Jodelet, 2001, 55) esta questão se orienta “nos processos psicológicos e sócio-cognitivos às relações intergrupais, a explicação dos fenômenos que podiam somente ser explicados pelas análises históricas, macro-sociais ou econômicas”. Ressalta que os comportamentos hostis que dão à exclusão manifestação extrema, como “os linchamentos e os ‘pogroms’ (atos em massa de violência espontânea ou premeditada)”, são condutas de agressão que não foram desviadas pelo tempo.

Jodelet (2001) se inspira na Teoria da Frustração-Agressão, proposta em 1939 por psicólogos de Yale, (John Dollard, Leonard Doob, Neal Miller, O. Hobart Mowrer e Robert Sears) eles revelam que as motivações hostis ou um estado de cólera, tende a aumentar a agressividade, e podem ser ativados por uma situação de frustração, por algum impedimento em atingir um objetivo, ou entrave de uma necessidade. Na visão dessa autora, as situações que provocam provocações ou competições por bens materiais ou simbólicos, podem desencadear o deslocamento para a hostilidade em escala coletiva, levando a discriminação de grupos minoritários.

O funcionamento deste mecanismo, ilustra (Jodelet, 2001, p.55) “entre 1882 e 1930, no sul dos Estados Unidos, que quanto mais os preços de venda da produção de algodão por metro quadrado abaixavam, mas havia linchamentos” (Hovland e Sear, 1940), e, em 1947, segundo a pesquisa de Campbell “a expressão de antipatia e de hostilidade com relação aos judeus, aumentava quando as pessoas se ressentiam e ficavam insatisfeitas quanto a sua situação política e econômica”.

Nessa toada, (Jodelet, 2001, p.55) demonstra os laços rompidos de solidariedade, por conta dessa situação adversa

O fenômeno de deslocamento sobre um “bode expiatório” (Bettelheim e Sanowits, 1964) nem sempre faz aparecer comportamentos abertamente agressivos, mas mesclados de atitudes depreciativas, sob a forma de preconceitos e de estereótipos negativos. Ele pode ser entravado, em sua expressão, pelo temor de desaprovção social. O que aponta a influência do controle social sobre este tipo de processo intra-individual que outros modelos exploram.

Navega nas turbulências sociais (Jodelet, 2001, 56) ao apontar que nos contextos sociais onde há o domínio de “valores e crenças que favorecem o desprezo das vítimas, porque elas são vítimas maltradas e exploradas, pode ser difícil adotar uma posição contrária por temor de nos encontrarmos em uma situação incômoda em relação ao grupo ao qual pertencemos”. Outro aspecto é quanto a “agressão em contextos marcados pelo peso das relações de poder, das normas sociais, e mostra o jogo das representações na avaliação depreciativa das pessoas que sofrem uma sorte contrária”.

Na visão de (Drucker, 2001, p. 401) a vida social e política do humano precisa dispor de uma sociedade funcional, como o ar que se respira, a vida biológica. Todavia, nem sempre se tem uma sociedade com valores, disciplina, poder e organizações sociais. Não se pode chamar de sociedade uma massa humana desordenada, aterrorizada e tresmalhada em um navio naufragado de “sociedade”, daí a razão da complexidade de definir sociedade, conforme as evidências dos últimos vinte cinco anos de civilização ocidental. Drucker ainda assinala que “para os indivíduos desprovidos de função e posições sociais, a sociedade é irracional, imensurável e amorfa”, torna-se “um indivíduo “sem raízes”, o pária, se isola do convívio social”, assim, não consegue vislumbrar a sociedade, por conseguinte essa sociedade não consegue compreendê-lo ou incluí-lo.

Para (Sawaia, 2001, p. 9), “a exclusão é o processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É um processo sutil e dialético [...] que envolve o homem inteiro e suas relações com os outros”.

A luz da Psicologia Social a exclusão é um fenômeno social, econômico e político, nas relações sociais, e está presente na agenda de políticos, nos debates sociais, porém os preconceitos e estereótipos se alimentam dessa retórica.

De acordo com (Vala & Monteiro, 2000, p.7) “a Psicologia Social é uma disciplina animada pela paixão da investigação e pela preocupação com a intervenção”, pois transita como um “saber em construção, sujeito a reformulações contínuas, em diálogo com a análise empírica”. Assim, ao embarcar nesta jornada fomos movidos pela paixão em contribuir, ao investigar a situação das reeducandas na Unidade Prisional, e pela indignação no processo de exclusão da mulher; além da intervenção ser pertinente à transformação social em nosso mundo truculento, contudo em constantes mutações.

Foucault (2004) recomenda a metodologia de reeducar o detento pela ocupação laboral contínua que o obriga a trabalhar em oficinas a fim que este consiga custear as suas despesas na prisão, assegurar sua reinserção moral e material no mundo econômico e ter algum provento, e se sustentar quando findar o seu cativeiro. Todavia, a prática de disciplina e vigilância ininterruptas implica em obrigações e proibições. Defende o mesmo autor que a prática religiosa seja implementada e instrumentalizada com estudos, distribuição da Bíblia e de outros livros religiosos que agregue valor ao momento do cárcere.

A ciência, segundo (Wilber, 1998, p. 7;11) é o método para descobrir a verdade, porém “é basicamente destituída de valores, ela nos diz o que é, e não o que poderia ou que deveria ser [...] o campo da ciência é a verdade, e não a sabedoria, o significado ou o valor”. Portanto, Wilber se alinha a Foucault ao apresentar outros caminhos, que comunga com a

“essência do ser” para descortinar significados “o que é bom: amor, solicitude e compaixão; e do que não é bom: mentir, enganar, roubar e matar”.

Ao buscar a transformação e a inclusão das reeducandas se descortinou um mundo de possibilidades para entendê-las como um ser humano integral, na percepção de (Wilber, 1998, p. 13;14) na “Grande Cadeia do Ser” ou o “Grande Ninho do Ser”; de (Barreto, 2006, p.27) “o ser humano é multidimensional; manifesta-se através de facetas mais visíveis ou menos visíveis”. Esses autores apontam a dimensão objetiva que se apresenta os níveis da matéria, o corpo físico-biológico e o nível mais sutil a dimensão subjetiva a mente, alma e espírito. Para (Wilber, 1998, p.15) a visão universal é uma rica tapeçaria de níveis entrelaçados “cada um dos níveis mais elevados ‘envolve’ ou ‘abarca’ dimensões menores como se fosse uma série de ninhos, dentro de ninhos, dentro de ninhos do Ser” este espiral se movimenta abarcando tudo, todos os acontecimentos no mundo, onde finalmente todos estejam envolvidos em uma unidade maior, “pelo Espírito, por Deus, [...] ou pelo próprio Absoluto”. Embora, esta perspectiva tenha sido aparentemente dissolvida na modernidade no Ocidente, diz Wilber, ela continua presente “é a espinha dorsal da ‘filosofia perene’, o consenso quase universal sobre o real sustentada pela humanidade na maior parte de sua existência sobre a Terra”.

Com base na percepção do ser humano como uma totalidade, nos remete ao Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, por Jacques Delors [et. All] (1998) quando apresenta os quatro pilares para educação: *aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos e aprender a ser*. Diante desta proposta, (Barreto, 2009, p. 37) recomenda incluir a Consciência como base que sustenta os quatro pilares da educação, “porque Consciência significa sem conflito e nos favorece distinguir o melhor caminho que devemos seguir em prol do equilíbrio dinâmico do Universo através das Leis Naturais que o regem”.

Ademais, foi adotado os dez princípios do Pacto Global que diz respeito aos valores fundamentais e internacionalmente aceitos, segmentados em direitos humanos, relações de trabalho, meio ambiente, e combate à corrupção. Nos Objetivos do Milênio (ODM), oito jeitos de mudar o mundo, e nos sete princípios do Cooperativismo.

Nesta trilha, tratando-se de um estudo multidisciplinar e transdisciplinar buscou-se guarita na disciplina da Administração para servir como mediadora na aplicação da ação socioeducativa, por meio de tecnologias de gestão e do empreendedorismo inovador voltadas a demanda do mercado, como ensina Druker (1986) “a melhor maneira de predizer o futuro é criá-lo”, por meio de atitudes corajosas e simples, no presente, ao empreender e formar times.

O empreendedorismo para (Dorneles, 2005, p.40) pode ser aprendido por qualquer pessoa, e o sucesso depende de vários fatores internos e externos ao negócio, “do perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades que encontra no dia-a-dia de seu empreendimento”. Os tópicos abordados por Dorneles (2005) são: “identificação e análise de oportunidades; em como ocorre a inovação e o processo empreendedor; na importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico; em como preparar e utilizar um plano de negócios; em como identificar fontes e obter financiamento para o novo negócio; e em como gerenciar e fazer a empresa crescer”.

A alternativa do negócio foi estimular a criação de uma Cooperativa Social, com base na Lei 9.867 de 10/11/1999, com o propósito da integração social, ao trabalho cooperativo solidário, segundo os princípios do Cooperativismo, a vocação das reeducandas e da demanda de mercado, sem o estigma prisional. A inovação e o uso de tecnologias servem de ponta de lança nesse empreendimento.

Em nossa visão o conceito de inovação é amplo depende de sua utilização e da percepção, é tudo que envolve a criação de novos produtos, serviços e processos, do início ao fim, cujos resultados são aceitos e usados pelo mercado. Para (Drucker, 1986, p. 39) a inovação é entendida como:

o instrumento específico dos empreendedores, o processo pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente ou um serviço diferente. É um ato de atribuir as novas capacidades aos recursos (pessoas e processos) existentes na empresa para gerar riqueza.

Para Baumgarten (2002), a tecnologia está articulada com a inovação, é indissociável a técnica e o social. A inovação é o modo da evolução do objeto técnico e, como tal, está presente em qualquer campo, desde a alta tecnologia até aos processos tecnológicos mais simples. Na ideologia capitalista, inovar faz parte da estratégia das empresas e o seu foco é o desempenho econômico e a criação de valor, ou seja, é ter uma ideia que os concorrentes ainda não tiveram e implantá-la com sucesso.

Na visão de Schumpeter (1982), a inovação é a alteração do estado de equilíbrio da economia, é um “boom”, ou seja, um processo de expansão. O mesmo autor enfatiza que a inserção da inovação no sistema econômico é um “ato empreendedor” porque altera todo o sistema, visa lucro extraordinário, acima da média de mercado. Caracteriza-se pela entrada de um novo bem no mercado; pela descoberta de um novo método de produção; comercialização de mercadorias; conquista de novas fontes de matérias primas; quebra de um monopólio, entre outras possibilidades de engendrar novos investimentos.

A tecnologia pode ser compreendida como a solução de problemas técnicos por meio de teorias, métodos e processos científicos. Para Vargas (1997) a tecnologia é o estudo científico dos materiais utilizados pela técnica, e dos processos de construção, fabricação e organização. Por conseguinte, a tecnologia pode ser entendida como a somatória de técnica e da ciência, ou melhor, a tecnologia é a incorporação do conhecimento científico ao domínio das técnicas.

Conforme (Faria, 1997, p. 29) “a tecnologia é o conjunto de conhecimentos aplicados a um determinado tipo de atividade, neste sentido distinguem-se em várias tecnologias: de produto, de processo, de marketing, educacional, de projeto, entre outras”. A primeira refere-se à mercadoria com função específica, seja esta de consumo (fogão), de capital (máquinas-ferramentas), ou intermediária-insumo (autopeças). A tecnologia de processo por sua vez compreende o uso de técnicas que interferem no processo de trabalho e da produção, com o objetivo de modificar, organizar, racionalizar. Essas técnicas podem ser de origem física (máquinas, peças, componentes), sejam essas técnicas de origem gerencial.

Na concepção de Faria (1997) a tecnologia depende do seu uso, da sua inserção num determinado processo, não sendo apenas o conteúdo ou a sua natureza. A tecnologia do processo se inscreve em duas dimensões: tecnologia de gestão e tecnologia física.

A tecnologia de gestão, conforme Faria (1997) trata de formas, do conjunto de técnicas, gestão de força de trabalho, instrumentos, ferramentas ou estratégias utilizadas pelos gestores, gerentes etc., para promover a administração do processo de produção em geral, de uma rotina ou de uma tarefa particular. Tem como propósito otimizar os recursos tecnológicos utilizados em um determinado sistema, em relação ao movimento da força de trabalho capaz de gerar excedentes apropriados de forma privada ou coletiva (social). A tecnologia de gestão subdivide-se em: técnicas de ordem instrumental, referentes às técnicas e estratégias de racionalização do trabalho, estudos de tempo e movimento, leiaute (disposição racional de máquinas e equipamentos a unidade produtiva); e as técnicas de ordem comportamental e ideológica com a finalidade de introjetar nos indivíduos valores fundamentais básicos ao desenvolvimento de tarefas por meio da inovação. Exemplo dessas técnicas é a utilização de seminários de criatividade e inovação, eventos motivacionais e de integração, trabalhos em grupos participativos.

Compreende a tecnologia física, de acordo com Faria (1997) um agregado de máquinas, equipamentos, peças, instalação, utilizados direta ou indiretamente no processo

produtivo, com o envolvimento do emprego tanto de técnicas mais simples quanto de técnicas complexas ou sofisticadas.

Para compreender o processo de gestão do negócio o estudo se apoiou em Falconi (1996), nos conceitos de qualidade de produtos e serviços; em Peters (1997) que tratou da qualidade de atendimento; e sobre as tecnologias de gestão se baseou no roteiro de realização do Brainstorming (tempestade de ideias) e outras ferramentas apresentadas por Godoy (1997) para lastrear a identificação de problemas, a construção de metas e as tecnologias sociais.

De acordo com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) o conceito de Tecnologia Social “compreende produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que represente efetivas soluções de transformação social”. E sua utilização tem como objetivo: “contribuir para a redução do quadro de pobreza, analfabetismo, fome e exclusão social”. MCTI (2012).

Na visão de Fonseca (2009), a tecnologia não é neutra, e a Tecnologia Social incorpora valores do contexto social, por conseguinte, sua aplicação está profundamente condicionada aos valores da comunidade em que está inserida.

Nesta dimensão, Dagnino, Brandão, Novaes (2004) afirmam que a inovação social gera a tecnologia social sendo um processo de inovação interativo; o ator é diretamente envolvido na função inovativa, tanto na “oferta” quanto na “demanda” da tecnologia. Portanto, a inovação social e a tecnologia social dizem respeito ao local que foram pensadas e construídas e pode ser reaplicadas, porque o processo da Tecnologia Social refere-se a aquele lugar onde essa tecnologia vai ser utilizada, e pelos atores envolvidos no processo de construção.

Assim, a base conceptual teórica desse estudo foi no pensamento do ser humano integral de Ken Wilber (1998), na obra “Vigiar e Punir, nascimento das prisões” de Michel Foucault (1975; 2004), nos princípios do Pacto Global e do Cooperativismo, dos Objetivos do Milênio e perpassa pelas disciplinas de Administração, Psicologia Social e Educação.

3 METODOLOGIA: LUZ E SOMBRA NA PENITENCIÁRIA FEMININA ANA MARIA DO COUTO MAY

Na condição de presa condenada, a mulher eleva ainda mais o seu grau de exclusão, pois agora além de miserável, pobre, prostituta, amante de traficante ou traficante não é mais cidadã, não tem direito ao voto, de eleger um representante legalmente constituído que possa defender a causa dos presidiários.

Nessa circunstância, em que as expectativas do mundo externo e interno se desmoronam, as reações das presidiárias são diversas: umas tornam-se extremamente violentas, outras caem em processos de depressão dolorosos, outras se mantêm reféns das ações do tráfico como informantes e vendedoras de drogas no presídio. Há evidências de que determinadas reeducandas, principalmente as provisórias, ficam à mercê da “Comissão do Raio” (presas mais antigas) o “submundo sem lei” do flagelo humano, é a exploração da presa pela presa. Essas são temidas até pelos profissionais do sistema prisional.

A detenta sabe do brutal racismo social de ser presidiária, percebe-se como escória da sociedade. Tem medo de enfrentar o mundo, revolta-se de forma insensível, - a sua vida se tornou banal: sem escolaridade, sem profissão e ainda com o estigma de presidiária. Então, o grande dilema faz-se presente: O que vai fazer quando sair da prisão? Se a vida estava difícil antes, agora, depois da prisão, será ainda pior. Como vai manter-se e alimentar os seus filhos? A situação fica também intrincada para a presa do regime semiaberto, alojada no Albergue Feminino Vida Nova em Várzea Grande (MT) em que é obrigada a sair durante o dia para “trabalhar” ou “estudar” e retornar somente à noite para dormir.

Perante a este trágico cenário questiona-se: será que há alternativas para a gestão humano social, capazes de suavizarem as condições em uma Unidade Prisional e que consiga eliminar a reincidência criminal, oportunizar o genuíno retorno à vida social e profissional de reeducandas? Será que é possível ampliar a visão de mundo das vítimas desses crimes; dos familiares das reeducandas; e das autoridades constituídas? Quais são as estratégias a serem implementadas para atingir a esses objetivos?

O atual sistema prisional da forma como está posto, apenas embrutece e destrói o sentimento mais puro do ser humano: sua essência, seu espírito.

Este estudo é uma conexão da razão, de saberes científicos, tecnológicos e tácitos (populares) e do coração pelo despertar da Consciência, uma abordagem psicossociotécnica, com base conceptual no pensamento de Wilber (1998) Educação do Ser humano Integral com Consciência; de (Nascimento, 2001, p. 100) a educação deve ser entendida como “instrumento de mobilidade social, de condição do crescimento econômico, e como dever de cidadão” e de Paulo Freire (2001) “Educação Libertadora e Humanista”; nos quatro pilares da educação do século XXI da Unesco, Delors et. all (1998); nos princípios do Pacto Global e do Cooperativismo, e nos Objetivos do Milênio. A metodologia se assenta em dois eixos: 1. Educação do Ser Humano Integral; 2. Tecnologias de Gestão e Empreendedorismo Inovador, para a produção de tecnologias sociais.

A *Primeira Etapa* (2011) foi realizada em atendimento a uma solicitação da Fundação Nova Chance, entidade vinculada à Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos de Mato Grosso, no período de 6 de abril a 6 de maio de 2011.

Coube à direção da Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto May, por força legal, a seleção das participantes, dentre aquelas que apresentavam maior permeabilidade de intervenção socioeducativa, foram escolhidas 55 reeducandas, do regime fechado e do regime semiaberto. Essa amostra tende a representar o universo de reeducandas em Mato Grosso.

O método consistiu na escuta do sujeito, com o objetivo de resgatar valores humanos e despertar a consciência, o potencial latente da reeducanda empreendedora inovadora, entendida como “pedra bruta” que precisa ser lapidada; em um processo de reconstrução de si mesma, na adversidade, na compreensão do outro; e na aplicação de tecnologia de gestão. Essa ação foi implementada por uma equipe multidisciplinar para oportunizar a reinserção social de mulheres privadas de liberdade junto ao mercado de trabalho, desenvolvida por meio de conceitos, técnicas e oficinas em quatro fases: 1. Sensibilização e Consciência; 2. Implementação de tecnologias de gestão e estratégias organizacionais; 3. Oficinas de construção das tecnologias sociais; e, 4. Visitas técnicas guiadas.

A sensibilização e o despertar da consciência foram realizadas na perspectiva da Educação do Ser Humano Integral nas dimensões *física, mental, social e espiritual*. Ao resgatar os seus sentimentos favoreceu a compreensão que elas são 100% responsáveis pelos acontecimentos em sua trajetória de vida; ao valorizar suas potencialidades, reconheceu seus limites e o outro como igual. Percebeu a necessidade de focar no *momento presente* e utilizar o *tempo no cárcere* ao seu favor, para *mudanças pessoais e profissionais*. A expressão “não sou bastante importante...” foi desmistificada. Ademais a proposta desta etapa foi redirecionar o comportamento pessoal; e o social ao desaprender os cacoetes e linguagens do sistema prisional.

Neste caminhar, (Barreto 2009, p. 98) ensina “aquele que desperta, constrói e desenvolve, cada vez mais, sua Consciência sente-se, de fato, um veículo do único, perene e Imutável, pois acessa a dimensão da transcendentalidade, identificando-se com as Leis Naturais que regem o Universo”.

A produção da arte em mosaicos, reciclagem, e ao plantar hortaliças, foram usadas como metáfora dos sentimentos fragmentados em um processo de resignificação de valores humanos da vivência na prisão. A intenção foi mostrar que até as pessoas podem se

“quebrar”, porém os fragmentos tende a se transformar em outro objeto de grande valor. Assim, as oficinas de produção artesanal simbólica representou a situação no cárcere com um novo olhar, poderia ser transformada e recomeçar uma nova vida.

Foram realizadas visitas técnicas guiadas com as reeducandas, sem algemas, com o acompanhamento de agentes prisionais, a um centro de treinamento na área de construção civil, para que pudessem observar mulheres aprendendo ofícios técnicos profissionais. Também foi feita visita a um hotel, no centro da cidade, para conhecerem o segmento turístico de hospitalidade. Além disso, participaram de uma *Mesa Redonda sobre Justiça e Direitos Humanos*, na Universidade Federal de Mato Grosso, para entenderem os aspectos jurídicos da condição de reeducandas.

O processo de construção do conhecimento tecnológico se pautou em conceitos, técnicas de ordem comportamental e ideológica; e de técnicas de caráter instrumental, sendo aplicadas as tecnologias de gestão: *Brainstorming* (Tempestade de ideias); P.D.C.A. – Planejamento (P), Desenvolvimento/Fazer (D), Checar (C), Ação (A); o Gráfico de *Ishikawa* (gráfico de causa-efeito) e a explanação da noção de Plano de Negócio, para estimular e ampliar a visão de mundo em processo da reinserção da reeducanda no mercado de trabalho.

A *Segunda Etapa (2012)* foi uma ação voluntária desta pesquisadora, realizada na mesma Unidade Prisional, em 3 de janeiro de 2012, com vinte e cinco reeducandas do regime fechado, remanescentes da etapa inicial, tendo em vista que as demais participantes da primeira ação já tinham obtido o alvará de soltura. O propósito foi rever as reeducandas e avaliar a ação socioeducativa implementada em 2011.

O método educacional teve o formato de um encontro estruturado, para receber o *feedback* das reeducandas. O trabalho consistiu na apresentação de slides e filmes baseados em signos para conseguir resgatar a consciência das reeducandas, por meio dos conceitos, técnicas e métodos aprendidos em 2011 e ouvir os relatos de suas vivências.

Mediante os relatos e a análise de discurso desse encontro, a ação socioeducativa aplicada em 2011 foi aperfeiçoada e transformada na tecnologia social: *Cuidar, Respeitar e Educar (CURE)*, uma nova tecnologia social capaz de ser reaplicada em outras Unidades Prisionais, com o objetivo de promover a transformação efetiva da comunidade carcerária.

4 RESULTADOS

Dentre os problemas vivenciados nessa Unidade Prisional (UP) em 2011, *oito* foram destacados: *a discriminação; a separação dos filhos; a saudade; a dependência química; a educação; a saúde; a superlotação na Unidade Prisional e a evangelização.*

Essas reivindicações sinalizaram o desenvolvimento de *cinco Tecnologias Sociais*, em busca da efetiva transformação dessa comunidade: 1. *Mais Vida Menos Violência na Unidade Prisional*; 2. *Saúde e Qualidade de Vida*; 3. *Escola Oficina Estação do Saber*; 4. *JustAção - Justiça Célere*; 5. *Cidadania Plena é Votar e Trabalhar*.

Após, foram propostos 64 *cursos técnicos estratégicos profissionais*, sem o estigma prisional, distribuídos em seis eixos tecnológicos, segundo a vocação e o interesse do grupo de reeducandas; dos arranjos produtivos locais; das necessidades internas da UP; e, da demanda de mercado, sendo: 1. *Saúde, Estética e Beleza*; 2. *Produção de Alimentos*; 3. *Construção Civil, Jardinagem, Paisagismo e Horta*; 4. *Costura Industrial*; 5. *Gestão de Pessoas, Gestão Organizacional e Informática*; 6. *Arte, Cultura e Turismo*.

A tônica da ação foi empreender um negócio, por meio de uma Cooperativa Social de Mulheres Empreendedoras Inovadoras de serviços e de produtos, ainda em andamento.

A segunda ação se baseou nos relatos e na análise do discurso desse encontro, culminou no aperfeiçoamento da ação socioeducativa anterior, e se transformou na tecnologia

social: *Cuidar, Respeitar e Educar (CURE)* com o objetivo de promover a transformação efetiva da comunidade carcerária, por conseguinte, pode ser reaplicada.

Trata-se de um método mais compacto, com abordagem psicossociotécnica nas dimensões: *educação do ser humano integral (espiritualidade e consciência); tecnologias de gestão; empreendedorismo inovador; cooperativismo; trabalho profissional e renda.*

Foi sistematizada no formato multidisciplinar e transdisciplinar, arquitetada em *seis tópicos*: 1. *Sensibilização*: Despertar a consciência do ser humano nas dimensões: física, mental, social e espiritual; 2. *Empreendedorismo*: Estimular a atividade Mulher Empreendedora Inovadora; 3. *Tecnologias de Gestão*: Apresentar conceitos e ferramentas de gestão e estratégias organizacionais; 4. *Arte e Harmonização*: Desenvolver trabalhos artesanais simbólicos para estimular a harmonia interior; 5. *Mercado de Trabalho e Renda*: Fazer visitas técnicas guiadas em organizações com maior possibilidade de contratar reeducandas; 6. *Seminário Brilho de uma Estrela*: Compartilhar saberes, avaliação dos resultados das oficinas e do processo de transformação pessoal e social.

A avaliação e o acompanhamento da implementação dessa tecnologia social pode ser medida de forma subjetiva com a verificação do estado emocional e social das reeducandas, e objetiva por meio dos seguintes registros: quantidade de reuniões; fotos; listas de presença; depoimentos; vídeos produzidos, antes, durante, e após a implementação; matérias jornalísticas; quantidade de expedição de documentos pessoais para as reeducandas; número de adesão de empresas que contrataram as reeducandas; acompanhamento das egressas em ficha apropriada do desenvolvimento pessoal e profissional com a efetiva reinserção social; transformação da comunidade carcerária (antes e depois); eliminação da reincidência criminal das participantes; transferência e a reaplicação desta tecnologia social em outras prisões.

Para a execução dessa proposta, será necessário que a Unidade Prisional tenha o apoio de órgãos públicos de esferas superiores e a celebração de parcerias institucionais com a iniciativa privada, entidades não governamentais e instituições de ensino, na perspectiva da transformação estrutural (aspecto físico) do ambiente; estruturante (processos e métodos) e fomentar o desenvolvimento humano, com a implementação de cursos destinados aos dirigentes e aos servidores das Unidades Prisionais, a fim de estimular nova percepção de mundo, mudança de paradigma da cultura organizacional, e do comportamento funcional.

Busca-se o isomorfismo organizacional nas Penitenciárias para promover mudanças significativas no sistema prisional, e a reinserção de reeducandas no mercado de trabalho.

5 CONCLUSÃO

A análise dos resultados das ações realizadas em 2011 e 2012 mostra que o sistema penitenciário, precisa ser repensado, há instrumentos legais passíveis de serem aplicados, dentre eles o *Programa Começar de Novo*, do Conselho Nacional de Justiça (2009) entre outros. É imperativo entender a Unidade Prisional não apenas como uma casa de custódia do Estado, mas fundamentalmente como um espaço educacional e de reflexão, derradeira forma de recuperar, resgatar seres humanos, até então invisíveis aos olhos da sociedade, para reconduzi-los de maneira amorosa ao convívio social e ao mercado de trabalho.

No tocante à análise subjetiva, se percebeu em 2012, que as 25 reeducandas estavam visivelmente transformadas, apresentavam boa aparência, trabalhavam com alegria nas dependências da Unidade Prisional e 23 delas estavam matriculadas no ensino regular. Os relatos foram surpreendentes: conseguiram resignificar o seu viver, elevar a autoestima, espiritualizar-se, conscientizar-se de seus atos, abandonar as drogas e os cacoetes do sistema prisional. Elas compreenderam que a prisão foi decorrente de uma ação feita sem pensar e sem usar a inteligência, mesmo em local inóspito elas apresentavam um semblante de paz.

Nesta trilha, entende-se que a prisão deve ser resignificada como um período propício para a reeducanda tomar consciência de si mesma e do outro; uma oportunidade de aprendizagem. E deve ser percebida como uma “pausa” em sua vida, em um processo de transformação e de qualificação profissional para sua reinserção social e no mercado de trabalho. Pode-se aludir que o *confisco do tempo* pode ser o maior aliado da reeducanda, para assumir responsabilidades de seus pensamentos e de suas ações, e oportunizar sua transformação pessoal e profissional.

No Estado de Mato Grosso, a Lei n.º 9.173/2009 dispõe sobre a reserva de vagas para sentenciados em regime de semiaberto e de egressos do Sistema Penitenciário de Mato Grosso. Assim, as empresas prestadoras de serviço ao Governo desse Estado podem contratar reeducandos e reeducandas, desde que estejam qualificados. Isso já é fato, pois se constata reeducandos trabalhando na construção do empreendimento futebolístico: a Arena Multiuso do Pantanal em Cuiabá (MT).

Neste estudo, compareceram reeducandas sedentas de conhecimentos e de oportunidades, elas serão sempre o nosso alvo. Entretanto, há reeducandas que estão em uma “unidade de terapia intensiva” pela falta de amor, em estado de “coma profundo”, é possível que tenham mais dificuldade em se recuperar, foram dragadas pela complicação do convívio, portanto precisarão de outros tipos de cuidados: tratamentos clínicos e hospitalares.

Admite-se a possibilidade das reeducandas participantes dessas ações não retornarem ao mundo do crime, tendo em vista as evidências percebidas e, desta forma, interromper o ciclo vicioso e perverso da criminalidade, o que contribui para formar uma sociedade mais justa e mais humana. Todavia, indaga-se: Será possível transformar a prisão em um ambiente educacional de fato, em uma *Oficina Escola*, como assegura a poetiza Cora Coralina? Será a prisão, porque tem grades, ser percebida, por alguns, igual a um zoológico? Será que a mulher privada de liberdade pode ser percebida como não mais pertencer à raça humana e nem ser mais brasileira? Quais as estratégias mais humanas e sociais a serem implementadas para reeducar aquele que feriu a lei do convívio social?

Não é com violência que se vence a violência. Em resposta à questão colocada por (Foucault, 2004, p. 20): “em que *medida* e *humanidade* se proclamam a pena?” Apontamos a estratégia da tecnologia social *Cuidado, Educação e Respeito (CURE)*, tudo é dinâmico na vida, o passado já não existe mais, a pena, após ser cumprida, nada mais se deve a sociedade, logo a reinserção social é um direito, contudo as reeducandas devem planejar a sua reinserção, por meio da educação e a qualificação profissional voltadas para a demanda de mercado.

A sociedade, somos todos, como assinala (Wilber, 1998, p. 63) ao expor sobre a unicidade: são “Três Grandes esferas culturais de valores: arte, moral e ciência; o Belo, o Bom e a Verdade; o *Eu* (Consciência; subjetividade, e autoexpressão; verdade; sinceridade; irredutibilidade; e a percepção viva imediata; relatos na primeira pessoa do singular); o *Nós* (ética e moral; visão de mundo; contexto comum, cultura; significado intersubjetivo, compreensão mútua, pertinência, justiça; relatos na primeira pessoa do plural) e o *Ele* (ciência, tecnologia, natureza objetiva, formas empíricas ‘cérebro e sistemas sociais’; verdade proposicional ‘ajustagem singular e funcional’; exterior objetivo tanto dos indivíduos quanto dos sistemas; relatos na terceira pessoa)”.

Neste sentido é preciso rever os nossos conceitos e a nossa percepção de mundo, as nossas relações interpessoais, com maior tolerância, para saber ser e viver juntos, na adversidade, por conseguinte, sendo socialmente responsável pelas gerações futuras ao quebrar o elo geracional da criminalidade e das desigualdades sociais em nosso país. Nós podemos.

6 REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES.** *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1973.
- BARRETO, M. O.** *Teoria e Prática de uma Educação Integral*. Salvador: Sathyarte, 2006.
- _____. *Os Ditames da Consciência*. Salvador: Sathyarte, 2009.
- BAUMGARTEN, M.** Natureza, Trabalho e Tecnociência. In: **CATTANI, A.** *Trabalho e Tecnologia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002, p. 203-213
- BAUMAN, Z.** *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERGER, P. L.; HUNTINGTON, S. P.** (Orgs). *Muitas globalizações*. Diversidade cultural no mundo contemporâneo. Trad. A. Martins. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BRASIL.** *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1998.
- _____. *Brasil, Ciência e Tecnologia*. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). IV-Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Social. Tecnologia Social. <http://www.mcti.gov.br/index.php/content/view/73413.html>. Acesso em 18/05/2012.
- _____. Ministério da Justiça, *Execução Penal*. Departamento de Penitenciário Nacional DEPEN <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJDA8C1EA2ITEMIDB6397CD625A644849D8D9D50156D22A2PTBRNN.htm>). Acesso em 26/06/2012.
- _____. Poder Judiciário. Conselho Nacional de Justiça (CNJ). <http://www.cnj.jus.br/> Acesso em: 19 de maio de 2012.
- DAGNINO, R.; BRANDÃO, F. C.; NOVAES, H. T.** Sobre o marco analítico conceitual da tecnologia social. In: **FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL.** *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004, p. 15 a 64. Disponível em: <http://www.ige.unicamp.br/site/htm/19.php?local=6&docente=138> acesso em 20/02/2011.
- DORNELES, J.C.A.** *Empreendedorismo transformando ideias em negócios*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- DELORS, J.** [et. all]. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação do Século XXI). Educação um Tesouro a Descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.
- DRUCKER, P. F.** *O Melhor de Peter Drucker: obra completa*. O Homem. A Administração. A Sociedade. Tradução de Maria Leite Rosa [et. All]. São Paulo: Nobel, 2002.
- _____. *Inovação e Espírito Empreendedor*. São Paulo: Pioneira, 1986.
- FALCONI, V.** *Gerenciamento pelas Diretrizes*. Belo Horizonte: Fundação Christiano Ottoni, Escola de Engenharia da UFMG, 1996.
- FARIA, J. H.** *Tecnologia e Processo de Trabalho*. 2 ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1997.
- FONSECA, R.** Tecnologia e democracia. In: **RTS** (Org.). *Tecnologias sociais caminhos para a sustentabilidade*. Brasília: RTS. 2009. p. 145-153.
- FOUCAULT, M.** (1975). *Vigiar e Punir*, o nascimento das prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 29 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004. [1975].
- FREIRE, P.** Educação como prática da liberdade. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GIDDENS, A.** *Modernidade e identidade*. Trad. P. Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GODOY, M. H. P. C.** *Brainstorming como atingir metas*. Belo Horizonte: EFDG, 1997.
- JODELET, D.** Os processos psicossociais da exclusão. In: **SAWAIA, B.** *As artimanhas da exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 53-65.
- NASCIMENTO, E. P.** Educação e Desenvolvimento na Contemporaneidade: dilema ou desafio? In: **BURSZTYN, M.** (Org.) *Ciência, Ética e Sustentabilidade, desafios ao novo século*. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.
- OLIVEIRA, E. M.** *Empreendedorismo social da teoria à prática, do sonho à realidade*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

- PETERS, T.** A Busca do UAU! São Paulo: Harbra, 1997.
- PNUD.** Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Objetivos do Milênio (ODM)*. www.portalodm.com.br acesso 20/05/2012.
- PNUD.** Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Pacto Global*, rede brasileira. <http://www.pactoglobal.org.br/> acesso 20/05/2012.
- RAWLS, J.** *A Theory of Justice*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- SAWAIA, B.** *As artimanhas da exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SCHUMPETER, J. A.** *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- STIGLITZ, J. E. A.** *Globalização e seus malefícios*. A promessa não-cumprida de benefícios globais. Tradução Bazan Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2002.
- VALA & MONTEIRO.** *Psicologia Social*. 4 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2000.
- VARGAS, S. B.** Uma leitura inquietante. In: **UFF**, *Tempo*, Vol. 2, n.º 4. Rio de Janeiro: UFF, 1997, p. 202-206.
- WILBER, K.** *A União da Alma e dos Sentidos*, integrando Ciência e Religião. São Paulo: Cultrix, 1998.
- XIBERRAS, M.** *As teorias da exclusão: para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.